

A MERIDIONAL

REVISTA INTERNACIONAL



2556
52

ta' : IVSo: M : : fffj IÉ

DIRECTOR

ELYRIO DE CARVALHO

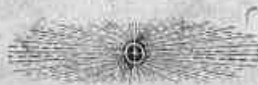
SECRETARIO

CARLOS D. FERNANDES

Cruz e Souza
 Stéphane Mallarmé
 Silva Marques
 Rocha Torres
 Arthur Rimbaud
 C. F.
 Elyrio de Carvalho
 Felix Pacheco
 Luiz Delfino
 Carlos D. Fernandes
 Felix Pacheco
 G. D.
 Carlos D. Fernandes
 Silva Marques
 Cruz e Souza
 Paul Adam
 Mauricio Jubim
 Raul Braga
 Elyrio de Carvalho
 Retratos de Cruz e Souza
 Stéphane Mallarmé
 Decio Villares
 Pavis de Chavannes

Espelho contra Espelho
 Plante d'automne
 Stéphane Mallarmé
 A Estátua de Hahné
 Ma Bohème
 Decio Villares
 Satan
 O Sr. N. Victor e sua obra
 As Três Imagens
 O Obelisco de Cera
 Barbaudas Lagartijas
 Pavis de Chavannes
 A Minha Lyra
 Não é dos Nossos
 Flores da Lua
 O Poço Negro
 Olhos
 Souto do Coração
 Noticiário

Por Mauricio Jubim.



HIO DIE JANUUM

Escriptorio e Redacção

155 - RUA DO OUVIDOR - 155

(PRIMEIRO ANDAR)

F. 5 124

REDACÇÃO: 155, Rua do Guavidor, 1.º andar
RIO DE JANEIRO, BRAZIL.

A MERIDIONAL

REVISTA INTERNACIONAL

ASSIGNATURAS

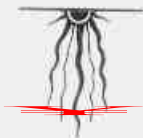
BRAZIL		LITRA NGKIRO	
Anno <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/>	OSOC <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	cri\$000
SEIS MKZIN.		<10/.10S <input type="checkbox"/>	1:1\$000
NUMERO AvrijSo.		Wmkifo avulso <input type="checkbox"/>	1\$200

A venda em todas as livrarias do Brazil



PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Toda correspondência relativa à redacção ou administração
deve ser dirigida a ELYSIO DE CARVALHO, Director e Proprietario
da Revista.





CRUZ E SOUZA

ESPELHO CONTRA ESPELHO

Tu, Alma eleita, que trazes essa sêde de Espaço, essa ancestralidade de Infinito, essa doença do Desconhecido que te fascina os nervos, que vieste ao mundo para falar pelas outras bocças, para ser a voz viva de todas as vozes mortas; tu, que andas em busca de uma dor que venha ao encontro da tua; tu, que interpretas tanta queixa, tanta queixa, tanta queixa dos Corações, tanta queixa dos Espíritos, tanta queixa das Almas, tudo porque não há resposta a esta pergunta horrível: porque nos deixas a Vida?! Tu, que legaste toda a delicadeza virginal do Sentimento a esta Apostolado doce e amargo da Arte, bello e triste; tu, que sentas chammaçar e cantar a ineffável Poesia que te alimenta (muito ooleo) alimenta as lampadas; tu, cujo espirito é uma fonte de dons maravilhosos onde os sedentos se debruçam e bebem a lãnta a água mais crystallina, mais elata; tu, que (tão) sagradamente te revoltas, na majestade ideal das águas e dos leões, e que na candidez, na ingenuidade casta e santa da tua alta nobreza de Arte attinges com a ponta das azas espirituas a ponta das azas dos Anjos! Tu, ó alma arrastada de destumbramentos, brantosa, Tyrio esthetico que um luar de sonhos sensibilizou, ouve este verbo vellemente, vivo, de quem procura sentir os altos segredos da Existencia, perscrutar-lhe as intimas origens fugidias.

Quem está verbo vulcanizado, convulso, elici o das t'ratides tempestades ideaes (pie abala mi este verbo) acceso in lia min elic subindo, e para indomivel **V E N T O** : mire que soluça pelas **trápasda**o uma Illusio, toda a magestadi

Eu **lai** **eleita** e desolada nos crepúsculos da Súsna; não laio as almas antipathicas, cruamente ardentes, acias, como terrentos crestados, muito flagrantes da sol, sem sombras consoladoras... Fallo a ti, que sentes e sabes o frio que vai pelo mundo, como as almas tiram sem agasalho, desabrigoadas, como as consciencias enregelam sem amor e sem bondade na ferocidade dos brutos antinicos, como a doce e nobre Humildade se encolhe e protege nos obscuros vãos de uma porta para não morrer esmagada pelo barbaro tacão da Prepotencia, como a philancia triumpho e como a Grande Virtude de todos os tempos está cega e pede esmola envolta em duos frangulhos! Tu, Genial, que tens suspiros, que tens anctias, que tens lagrimas para esta Comedia funebre, mas dolorosa, em que vai o mundo; tu, singular e livido demonio que te fizeste monge, que tens a tua ironia santa que divinisa e nirvanisa, o teu rebelado sarcasmo em brazas, toda a tua mordacidade inclemente para essas tristes cousas terrenas, não podes ver sem abito, sem conhogão profunda, almas de mocidade já sem dedicacão intensa, sem energias claras, sem enthusiasmo absoluto. Não d'esse enthusiasmo official, collectivo das massas — mas esse enthusiasmo propulsor das cellulas, esse enthusiasmo ductil, volupcioso, hervoso, que vem da extrema sensibilidade; esse enthusiasmo que é tonico, que é éther puro, que é oxigenio matinal, que é essencia creadora, que é chamma fecunda e aza brantia no genuino espirito; esse

entusiasmo que é força alva, que é dignidade serena, que é emoção original e casta, que infiltra azul e sol nas veias, accende aurora e vibra cânticos no sangue.

Ha de doer-te muito esse desolamento, essa morte das almas, essa aridez, essa petrificação de sentimentos em tudo. Ha de doer-te muito que os impotentes se liguem aos impotentes, os nullos aos nullos, os frouxos aos frouxos, os esgotados aos esgotados. Que nada os separe, nada os affaste. Que quanto mais se reconhecem tãntos, mais se unam no intuito e no instinto de se conservarem intactos, embora, mesmo no fim, e fatalmente, se desunam, se odeiem, achando uns incommoda a existenciam dos outros.

Ha de doer-te muito que uma envenenada relação secreta os una, os congregue, os irrite, para juntos darem batalha subterranea, cavilosa e vilal, aos que trazem a clara força tranquilla de um alto Desigmo, como armadura de astros no peito.

Ha de affligir-te muito que na hora da mais profunda, da infinita Desolação, até os mais intimos te abandonem, desapareçam, como que tocados pela idea de que os teus extremos fatalissimos, são inconvenientes e contagiosos!

Ha de fazer brotar em ti a luminosa flor da ironia, o aspecto ouzato do Asimio, que quer a todo transse medir-se contigo, por-se no mesmo paralelo, por que vá tanto como tu, sente tanto como tu, sonha e é tao legitimo ser como tu!

Ha de fazer brotar em ti a luminosa flor da ironia, o aspecto ouzato do Asimio, que quer a todo transse medir-se contigo, por-se no mesmo paralelo, por que vá tanto como tu, sente tanto como tu, sonha e é tao legitimo ser como tu!

Ha de fazer brotar em ti a luminosa flor da ironia, o aspecto ouzato do Asimio, que quer a todo transse medir-se contigo, por-se no mesmo paralelo, por que vá tanto como tu, sente tanto como tu, sonha e é tao legitimo ser como tu!

Ha de fazer brotar em ti a luminosa flor da ironia, o aspecto ouzato do Asimio, que quer a todo transse medir-se contigo, por-se no mesmo paralelo, por que vá tanto como tu, sente tanto como tu, sonha e é tao legitimo ser como tu!

Ha de fazer brotar em ti a luminosa flor da ironia, o aspecto ouzato do Asimio, que quer a todo transse medir-se contigo, por-se no mesmo paralelo, por que vá tanto como tu, sente tanto como tu, sonha e é tao legitimo ser como tu!

cio reflectidos do teu silencio e da tua sombra, sombra e silencio reproduzidos d'espelho contra espelho.

Não poderás projectar o teu vulto n'um lago que o Asinino não projecte também o seu vulto no mesmo lago; não poderás aquarellar o teu perfil n'um luar que o Asinino não aquarelle também o seu perfil no mesmo luar.

Se a tua Imaginação é virgem, revertece agora nos luminosos pomares da Phantasia, a Imaginação do Asinino também é virgem e revertece agora nos mesmos luminosos pomares. Não podes vir da raiz viva e violenta de uma sensação, da agudeza de uma Causa, da livre enunciação de um phenomeno porque o Asinino também vem de lá, também de lá procede, também de lá se origina. Não ha originalidades subjectivas, clama o Asinino, não ha o puro sentir, o novo sentir, e excepcional sentir! Tudo já passou depurado pelo meu organismo, que é o crisol das purificações, clama o Asinino.

Vida do eu visual, do eu olfactiva, do eu mental, do eu sensível, faz vida original, faz vida de temperamento, portanto, vida ingenuamente particular e nova dirás tu na perfectibilidade da tua visão.

Mas, o Asinino, que é a Rotina secular, que é a Regra universal, argumenta com pedras em vez de argumentar com sentimentos, com emotividades, com ductilidades e mysterios de alma.

Nuanças novas de alma, camalhos não explorados no mundo do Pensamento, certos segnaços e transfigurações, rumos inéditos, paragens de uma inaudita melancholia, tudo é paralelamente julgado pelo Asinino, que logo estabelece para as relações de cada caso especial a mesma esphera de accão de múltiplos casos diversos.

Sempre sol contra sol, sempre sombra contra sombra, sempre espelho contra espelho. Sempre este espelho—Homero, contra este espelho—Virgilio. Sempre este espelho—Shakespeare, contra este espelho—Balzac, ou contra este espelho—Dante, ou contra este espelho—Hugo. Sempre este espelho—Flaubert, contra este espelho—Zola, ou contra este espelho—Goncourt. Sempre este espelho—Baudelaire, contra este espelho—Poe, contra este espelho—Villiers e contra este espelho—Verlaine. Sempre este espelho—Ibsen, contra este espelho—Mösterlinck.

Sempre eternamente estas espelhos impolutos e astraes que reproduzem a perfectibilidade de sentimentos nas gerações, paralelamente igualados, medidos e pesados pelo Asinino, que os equipara, confundindo-lhas a delicadesa e fulguração dos crystaes.

Sempre um Sentimento contra outro Sentimento, como se pudesse haver uma alma com a côr e a sonoridade de outra alma!

É tu, na impaciencia, na inquietação do teu vôo astral para as serenas Espheras buscas libertar-te, desacorrenatar-te dos grilhões que essa Rotina te prendeu, a que enla te sujeitou com a responsabilidade das primitivas camalhas da Inteligencia, para poderes afirmar que, como os Eleitos guiados a sós pelo seu Destino, tu também vieste só, representando um phenomeno disprezado no Espaço, sem leis de correlação no sentimento da tua Dôr—uno e indivisível phenomeno no obscuro e perpetuo germinal da Natureza.

Na solidão do teu ideal ficarás como um astro singular vivente na luz nostálgica de uma órbita imaginária, sem que a confusão dos tempos possa jamais quebrar a intensidade do teu brilho e a serenidade da tua força.

O Asinino continuará lá embaixo, na turbulência, no rodar das épocas, estreitamente e empiricamente a comparar, a comparar, a medir o teu Infinito pelo Infinito da sua Myoparsecular, lá em baixo, na turbulência, na multiplicação. Tu, acima, lá em cima, superpondo-te aos mundos rotacais, transbordacais, na augusta perpetuidade do Sentimento...

Cruz e Souza.

PLAINTÉ D'AUTOMNE

Depuis que Maria m'a quitté pour aller dans une autre étoile — laquelle, Orion, Altair, et toi, verte Vénus ? — j'ai toujours cherché la solitude. Que de longues journées j'ai passées seul avec mon chat. Par *sauit*, j'entends sans un être matériel et mon chat est un compagnon mystique, un esprit. Je puis donc dire que j'ai passé de longues journées seul avec mon chat et, seul, avec un des derniers auteurs de la décadence latine ; car depuis que la blanche créature n'est plus, étrangement et singulièrement j'ai aimé tout ce qui se ressemblait en ce tint : chute. Ainsi, dans l'année, ma saison favorite, ce sont les derniers jours alanguis de l'été, qui précèdent immédiatement l'automne et, dans la journée, l'heure où je me promène est quand le soleil se repose avant s'évanouir, avec des rayons de cuivre jaune sur les murs gris et de cuivre rouge sur les carreaux. De même la littérature à laquelle mon esprit demande une volupté sera la poésie agouissante des derniers moments de Rome, tant, cependant, qu'elle ne respire aucunement l'approche rajeunissante des Barbares et ne bégaye point le latin enfantin des premières proses chrétiennes.

Je lisais donc un de ces chers poèmes (dont les plaques de fardent plus de charme sur moi que l'incarnat de la jeunesse) et plongeais une main dans la fourrure du pur animal, quand un orgue de Barbarie chantait languissamment et mélancoliquement sous ma fenêtre. Il jouait dans la grande allée des peupliers dont les feuilles me paraissent mêmes même au printemps, depuis que Maria a passé là avec des cierges, une dernière fois. L'instrument des tristes, oui, vraiment : le piano scintille, le violon donne aux fibres déchirées la lumière, mais l'orgue de Barbarie, dans le crépuscule du souvenir, m'a fait désespérément rêver. Maintenant qu'il murmure un air joyeusement vulgaire et qui mit la gaité au cœur des faubourgs, un air suranné, banal : d'où vient que sa ritournelle m'allait à l'âme et me faisait pleurer comme une ballade romantique ? Je la savourai lentement et je ne lançai pas un sou par la fenêtre de peur de me déranger et de m'apercevoir que l'instrument ne chantait pas seul.

Stéphane Mallarmé.



STÉPHANE MALLARMÉ

O entusiasmo da mocidade brasileira por esse grande artista contemporâneo, justamente festejado em todos os países cultos, é uma prova evidente de que a reacção que se opera no domínio da Arte não se limita a um movimento passageiro em torno de uma individualidade. Quem escreve estas linhas fez sendir há poucos dias na *Vida-Critica*, deixando sem duvida transparecer a sua própria mediocridade, a acção extraordinária da obra de Mallarmé sobre os que aspiram libertar a poesia d'esse subjectivismo espectacular em que predomina a noção de um falso ideal, e que já não satisfaz por isso mesmo aos espiritos menos exigentes. Publicando também no seu primeiro numero o retrato do poeta de *Herodiade, Al Mexicana* como revista litteraria, não tem necessidade de explicar de outro modo a attitude que assumirá entre os que se batem pelo desenvolvimento das letras no Brasil.

N'uma época de transição, e portanto de lueta, como a nossa, seu nome é mais do que um programma, é um desafio.

Inimigo da formula, como aquellas que sabem compreender os mysterios da natureza, Stéphane Mallarmé, se não foi o primeiro a romper com a esterilidade do passado, foi incontestavelmente um dos que mais se approximaram do ideal artistico e da forma perfeita. □ aproximaram

o que caracteriza sobretudo a obra d'esse artista genial é aquella expressão de vida e de luz que não se observa na poesia do começo d'este seculo, ainda hoje defendida com ardôr pelos que se contentam com a execução de um programma.

Mallarmé sentiu e proclamou o grande accôrto da especulação no dominio da Arte, observou a lei eterna das vibrações e mostrou, no mysterio da sombra e na expansão ruidosa da luz, esse movimento pereante a que tudo está sujeito, a pedra bruta como a planta sensível, o abysmo tenebroso e ignorado como os corpos luminosos que se agitam na immensidade decisiva.

Na obra de Mallarmé, musical e profunda, cada verso é uma obra, cada linha um monumento, cada phrase o inicio de um poema a desenvolver. Ninguém procure nos seus poemas as palavras temerarias, lançadas como flechas contra

as estrellas immoveis ou as phantasias multicores das imaginações exaggeradas. Isso é privilegio dos que não merecem o ~~honor~~ ^{honor} dos artistas.

Ha nellez cousa melhor: o ritmo delicioso que nos ~~entra~~ ^{entra} docemente pela alma, como um som que vem de longe, deixando-nos a sensação dos sonhos ~~incompletos~~ ^{incompletos}. □

Mallarmé, na poesia, é o irmão ideal de todas as cousas; dá á tumba que respira, á tumba que vive, á ave que ~~percebe~~ ^{percebe} a planta que estremece, á corrente que desliza, a ~~corrente~~ ^{corrente} de melancolia das almas que vibram de enthusiasmo e de amor.

Em uma palavra: é um artista, e isso justifica a nossa admiração pela sua obra.

S. Marques.

A ESTATUA DE HULME.

Tanilla, alma agitada de Sophocles, restituída para á estatua em tumba lançada no repto solenne a Hulme, o mysterio implacavel da sombra, vindo lá daquelle natureza boreal da Finlandia, para ficar como em extase eterno ante a equitativa ecclosão e a indiscreta luxuria da natureza do Sul.

Os dois artistas, immoveis, face á face um do outro, creitos como dois phantasmas, luminosos como dois astros que se fulminam, estiveram por instantes, na mudez pavorosa de duas almas que se encontram e se surpreendem. Pelos olhos, profundos e lucidos, disputam raios, como deuses, n'uma explosão de ceteras ~~divinas~~ ^{divinas}. □ ~~uses~~

Mas Tanilla não se contém: fallia tremendo, conspecto carregado, gestos estranhos, e tendo no semblante immortal uma claridade suavissima que parecia já um reflexo da victoria que avinha.

Por uma especie de instincto, a tumba sente o que ha de grande e irresistivel na magestade astral do genio: a turba ~~applaudiu~~ ^{applaudiu} a Tanilla. □ ~~euroa~~

É Hulme, absolutamente impassivel, n'uma gravidade mal teravel de pontife orante, derrama, quasi com decora e piedade, o seu olhar soberano pela tumba. Depois, extendendo a mão a Tanilla, saúda-o com tal movimento de alma que Tanilla extremeceu.

No dia aprazado, sob um ceu azul e purissimo, no meio de vasca explanada aberta, a multidão ansiosa recebe em silencio os dous inspirados. Tanilla, só Tanilla, com sequito imenso, traz a sua obra suprema e manda erguel-a na oração. De subito, ouvem-se um phrenetico trovejar de palmas, um surdo estentor de alaridos, como ulular de tormentas, accordadas, para algum cataclysmo, do antigo caboc original. A estatua representa o genio humano: é uma bella figura estranha, sobre elevado pedestal, e lançada para o ceu, n'uma angustia soberba de deus doloroso, e a indicar no horisonte uma estrella que se eleva resplandecente. Parece que a estatua tem o seu olhar, illuminado e terminal, moçal e flamejante, a agitar-se peraltu entre a sombra da terra e o esplendor das alturas. Dos seus labios adivinham-se que vai



DEGIO VILARES

que viessem á luz em pontos diferentes do mundo, conservando em entanto, apesar das influencias ambientes, as castidades analogas de sentimento, que o mesmo ventre materno abençoado lhes houvesse imprimido nos silencios imperscutaveis da sua genese.

E' preciso attender tambem á differença de expressáo que cada um destes artistas adoptou para os seus sentimentos; e reconhecendo os seus, cada um no tempo magestoso da sua obra, coronados com os acanthos da tristeza e com as estrellas do sonho, ellas ficam como dois archangels tristes, (estrellas contemplativos, eternamente absorptos nas miragens da existencia. — Sua patria perdida, a fluctuar-lhes na visáo por entre os tumbas tenues e brancos da nostalgia. □ I

*
* *

Decio Villares é um desses raros artistas que têm vindo ao mundo para assignalarem as épocas e, transformando-lhes os defeitos na belleza das suas obras, imporem-n'as ao respeito e á admiração da posteridade. □ I

A formosura estranha do seu rosto, a tristeza suggestiva dos seus olhos e a sua delineação e possante estatura dão-lhe o encanto evidente dos homens predestinados, dos heróes e dos sabios antigos, que parece traziam em si próprios os modelos das perfeições estheticas, que emanavam das suas naturezas, revestindo-lhes todos os actos de uma singularidade sympathica, com a mesma espontaneidade simples com que os vegetaes rebentam do seio fecundo da terra.

Completa o seu typo modelar de pintor decadente da cidade media, uma timida modestia aristocratica, que vella os encantos da sua alma, como uma samarra de linho candido que encobrisse a olhadas profundos a seraphica e virgem formosura de uma moça adolescente, e tambem a pallidez fina e ascetica do seu rosto macerado pelas vigílias silenciosas á que se entregam os eremitas do Sonho, nos retiros augustos do Ideal, pelas altas horas solennas das suas sublimas transfigurações.

Elle costuma viver recolhido em vivendas pittorescas, á que o seu pincel magestoso dá encanto de paraíso; e é sob os deslumbramentos do seu proprio genio, na orgulhosa contemplação da sua arte soberana, que elle vive sonhando as formas espirituais e as cores nevoentas que traduzam na tela a gravidade epica e austera dos seus grandes sentimentos. □ S □ seu

Essas suas pregueças indifferentes não são resultantes do attrito grosseiro deste meio em que elle vive; são, ao contrario, um estado normal da sua natureza contemplativa, que só encontra expansáo para sua intensidade nervosa nesses largos extasos de apparencias infecundas.

Elle esteve por longo tempo em Paris, no salão aristocratico do mundo, onde o encanto das frivolidades mundanas empolga, fascina, arrebatam e entorpecem, e, enquanto as multidões cosmopolitas passavam nas ruas e nos boulevards o seu bom humor deslumbrado, Decio Villares, num bairro remoto, esquecia-se de tudo, absorvido pela sua arte, numa intima communhão com os livros que della lhe fallavam.

Nesse tempo, observava um meu amigo, que me prestou estas informações. Decio Villares estudava então ^{na} academia na ^{grande} capital, onde sua estada se assinalou gloriosamente pela conquista da medalha de ouro com que o *Salon de Paris* premiou o seu quadro *Pacto e Euclydesca di Rimini*, cuja concepção genial e execução assombrosa são como que a consubstanciação perfectibilisada desse arceio offegante e amargo em que se ^{quecnam} lividamente esses namorados malditos, que são duas estatuas da angustia num pedestal de ouro dos versos de **TAUTO. O I**

A meu vêr, só esta obra de Decio Villares, constitue o monumento impercível do seu nome. Infelizmente não lhe compare os demais trabalhos, mas imagino que nimbo de mysticismo suave não de haver no *Sombra de José*, e que castos aromas intellectualisantes não de vaporar da exquisita e rorejada *Papoula*.

Elle tem ainda outros quadros, tais como *S. Jeronymo*, *Retrato do Navio Flôrão* e *A Alma*. Esta fascinadora e evocativa *Esmeralda*, cuja epopeia já foi triumphalmente cantada em *Rosarias* majestosas de jubilo e de affecto por esse heróico e supremo apostolo do Bem, que, antes de partir para os silencios do tumulo, escreveu o seu nome com letras de ouro em dois monumentos impercíveis, que são o *Misa* e o *Broqué*.

Terminando esta ligeira noticia sobre Decio Villares, peço-lhe toda sua magnanima indulgencia para os erros de apreciação que em *penitencia* contiver, garantindo-lhe, no entanto, que a escrevi com a maior effusão de abençoado contentamento, subordinando a razão aos dictames do obscuro e ignorado affecto que sempre lhe consagrei.

C. F.

SATAN

Contemplativo e só de um rochedo nevoento
Na grimpá está Satan e sombro e isomdo,
Como que ruminando o proprio pensamento,
Fitra de quando em quando a vastulto do Mundo!

— Ah!, diz elle, outr'ora havia um cahos profundo
Que se abalrocochava no seio d'un'ionie,
Paraiso terreal ou antro ascoso e immundo,
De miseria e paixões, de tedio e soffrimento!...

Nisto nos olhos máos do tentador de Esra,
Como um raio de luz que rasga um véo de tréva,
Da lagrymá refulge o orvalho dolorido.....

E o antigo Anjo Revel tomato de Piedade
Tristemente exclamou:— Decerto Humanidade
Serás mais feliz se eu tivesses vencido!...

Novembro, 1896

Elycio de Carvalho.

O SR. NESTOR VICTOR

E A SUA OBRA

Nestor Victor... Quando, pela primeira vez, esse nome aos meus ouvidos soou, acreditei que se tratasse de um Semi-Deus...

Nestor Victor... Era como a silhueta formidanda, grandiosa, colossal, de um gigante do Olympo, delimitando-se ao longe, muito espiritualmente ao longe, entre brumas perfumosas de Mythos e Ficções, emergindo das aureas ondas de um oceano de oiro, phantasticamente illuminadas por um sol de fogo...

Nestor Victor... Através trompa vibrava esse nome pelos Espacos com o clangor reboante de uma Victoria, trompa extranha, feita de pedrarias, feita de Estrellas e de Sôes, de Luars e de Sembras e cujos sons se crystallisaram em Harmonia, a força magica do Genio...

Nestor Victor... Parecia-me o nome de um atleta grego de musculos de ferro e coração de eschallas, um corpo rigido de Hércules, animado por uma Alma branca de Poeta.

Um Arauto vinha, offegante, a correr pelo Valle Florido dos Affectos, humido benedicto, conclamando as Hostes, declinando, com o calor de uma Apollonose, com o enthusiasmo de uma Sagração o nome do Herese que irradiava as armas, conquistava o primeiro triumpho...

Através do estupendo estudo critico de Cruz e Sousa sobre os Signos, através dos perigos que o Peregrino das Anniõ fundira no bezorço de sua affectividade profunda de Eleito, affectividade cega, inconsciente quasi, esse nome Nestor Victor — se me afigurava o de um Semi-Deus, cuja silhueta formidanda, grandiosa, colossal, de gigante do Olympo, via se delinear ao longe, muito ao longe, muito espiritualmente ao longe, entre brumas perfumosas de Mythos e Ficções, emergindo das aureas ondas de um oceano de oiro, phantasticamente illuminadas por um sol de fogo... □ P<antasti-

Era preciso conhecê-lo de perto, intimamente, profundamente.

Uma curiosidade irresistivel dominava-me, empolgava-me em absoluto. Espiritu? rito. re. S. Ist. "el" empava-me

Lêr os Signos se me afigurava um dever imperioso de Aristu contemplar, sentir os raios desse Novo Sol, que assomava no Oriente com a pompa de um meio-dia tropical, vibrante Hosannas de Triumpho, sem que uma só gotta de sangue, assignalando uma Dôr, lhe houvesse mancha a coruscante chlamyde de oiro. □ houvesse

Voltaire, esse incomparavel Demonio em cujos labios lavrava eternamente o incendio de um Sarcasmo, fagulhado, estalidando, como os nervos epilepticos de uma bruxa nos volteios desengonçados de uma dança macabra; Voltaire, esse gigantesco Voltaire em cujo olhar agudo e penetrante bailavam Ironias ainda mais agudas e mais penetrantes ainda; Voltaire fez surgir, do conubio negro, incestuoso e forçado da Analyse a mais profunda e do Riso o mais caustico e o mais perverso, a individualidade typica de Escarnemato, satyra

delicadissima na Concepção e na Forma, com a qual vergastou impiedosamente os homens e os usos de quasi toda a Europa em seu seculo.

Lendo os Signos do sr. Nestor Victor, ainda sob a impressão horrificada dos artigos admiráveis que Cruz e Souza publicara no Republica, em Agosto de 1897, soffri bem mais do que as decepções de Escarmentado na sua peregrinação pela Europa.

O incomparavel Eleito, cujo verbo se me adgurava o de um Messias e o qual eu me habituara a considerar o Summo Pontifice Infallivel da Arte no Brasil, errara.

Os Signos do sr. Nestor Victor não mereciam um só dos seus periodos profundos e embeladantes e um só dos seus vocabulos opulentos, que valiam Hymnos, um reclamo seu que era sempre um Poema admiravel de Esthesia e de Precisão.

Cruz e Souza errava, attribuindo ao livro do sr. Nestor Victor altos meritos artisticos, que nunca possuia.

Nem todos os pedagogos são como Stephane Mallarmé.

O vidente dos Broqueis e do Missa elevava nas suas azas possuntis de esultar as Esperas em que firmara o seu throno, um bedel agalado, que assim se póde, sem injuria, considerar o vice-reitor de um gymnasio.

Pela primeira vez e ultima Cruz e Souza errava em materia de Arte.

Bemdicto erro! Erro nobilitante, porque nascera da inconsciencia de uma Estima, da cegueira de um Affecto! Erro bemdicto, embora pernicioso, porque graças a elle uma gralha poudé, sem protesto, cobrir-se com pennas de pavão!

Erro bemdicto! Bemdicta inconsciencia funesta! Bemdicta cegueira pernicioso!

Tambem o mar se torna pernicioso, quando, em coleras acces, surge para o mar a estrução na ancha dolorosa e eterna de imprimir um beijo. A quella que lhe cobre carinhosamente as ondas com um pallium rutilo de prata!

Tambem, não raro, a areia do deserto, querendo abraçar a palmeira esguia, exilada e nostalgica, que lhe dá o consolo de uma Sombra, a suffoca e a sepulta!

Erro bemdicto! Bemdicta inconsciencia funesta! Bemdicta cegueira pernicioso!

Só atirarão sobre o Archanjo Rebellido a pedrada injuriosa de uma censura os que ignorarem os mysterios subtilissimos do Sentimento — Harpa invisivel, feita de crystaes diluidos, Harpa immaterialisada, fluidica, Harpa que vibra ao contato da própria luz.

Para que, porém, não acreditem os credores que os artigos de Cruz e Souza estão ao desamparo de cabal justificativa, estampo aqui as palavras do mysterioso Sufir, que escreve a Chronica do Rio para O Orbe de Macció e que era um dos intimos do Glorioso Artista:

... "É cousa singular, esse grande espirito era de uma alma tão branca e branca e branca de um affectividade tão intensa, tão profunda, que elle, que era tão exigente n'essas questões de Arte, ficava com os olhos vendados e só o coração a dominal-o todo, quando vinha lhe ter as mãos o trabalho de um intimo amigo seu. E então, como que ia lendo mentalmente e que absolutamente não existia, elle acabava

desfolhando os ultimos elogios, estreitados com a sua adjectivação fulgurante e sua."

Depois destas palavras, Cruz e Souza está cabalmente justificado.

Profunda verdade enunciara a Agua de Meaux, o artista sacro das *Evocações*, dizendo em um dos seus admiraveis sermões: — *le cœur a ses raisons que la raison ne* *comprend pas.* —

Analysemos os *Signos*, em que o artista das *Evocações*, "lendo mentalmente o que absolutamente não existia", descobriu que o sr. Nestor Victor tinha "serias afinidades com Balzac na analyse, com Goethe na complexidade e na synthese, como Ibsen no sereno poder pensador e philosophico e na alma perfectibilizada e scysmadora, e com Villiers de L'Isle Adam no estylo."

"AS SERENATAS." — Quem teve a ventura de ler o *Jornal* de Cruz e Souza, difficilmente supportara até ao fim *As Serenatas*.

Quem de *como* conseguiu — e o que não conseguia elle? — imprimir a esse trabalho a magestade solemne e grave de um Rito,

Ler o *Incanto* é como transportar reverente os porticos de luz da mais augusta das cathedraes porticos

Ha nesse trabalho a pompa grandiosa, a encenação fidalga de uma cerimonia de gala sob as naves do templo consagrado ao Supremo Culto.

Vem-se ao longo dos altares, genuflexos, olhos voltados para o Altar, no deliquio do primeiro extase, os cathecumênos em cujas phisionomias existe a expressão angustiosa de um Mystico.

Bem diversa impressão produzem *As Serenatas* do sr. Nestor Victor. Sa

Dir-se-hia uma preta mina, uma sacerdotisa da Cidade Nova, dignificada, demons-trada em lingua buusta as virtudes prodigiosas dos seus manipuleos, no fundo escosso e fedorento de um quarto de estalagem. escosso

"Nossa vida e toda de serenatas, sob os arabescos dos vossos varandins dormentes. Almas, correi as persianas e escutae-nos de quando em vez ao menos."

Para dizer tais cousas o sr. Nestor Victor poderia ter morrido na época em que nasceu, sob o imperio do romantismo assucarado e piegas. teu sob

"FATALIDADE" — Escripto banal no fundo e na forma; sem estylo e sem idéa.

"O Universo indico em pompas *de revata-se* para solemnizar esse amor." so

O pseudo artista dos *Signos* transformou assim, graças ao seu estylo de alta escola de equitação, o Universo n'uma besta de carga, que, sem o auxilio de um moço de estrebanno, por si, *arrastasse* para solemnizar esse amor. so

"E então, como dois corpos levados fatalmente, em recta brusca e desgraciosa, um para o outro, elles uniam-se miseravelmente em um *clôso*, indecente e negro."

Depois d'isto, é natural que se implora aos poderes competentes a regulamentação da prostituição, para evitar escandalos. . .

"HYRANTO E GARDIA."—Outro trabalho abjecto, intoleravel, mesmo aqui "em Morkoma, terra das formulas e das convenções."

Eis um trecho escommo d'essa historia repellente :

"Mas nisto, lá no zenith uma nuvem cor de fogo, cor de rosa, azul e verde, esfumou-se, cheirando a sulfur. E da nuvem sahio, vestindo ouro e coberto de pedrarias, com um sceptro na mão, o pequeno deus de Morkoma.

Feriu o espaço com seus microscopicos pés e desceu á terra."

Como se vê é um primor, vale ouro.

Admiramos até que os srs. Quaresma & C. não tivessem editado os Signos, que foram impressos á custado autor em Sapopemba, onde se devia ter circumscripto a sua circulação.

Os proprietarios do afamado gargarismo da rua de S. José ligaram um negocio magnifico, remisso, porquanto as historietas para crianças nunca deram prejuizo aos livreiros...

"AGONIAS".—Foram feitas para rir as Agonias do sr. Nestor Victor. Provocam gargalhadas.

"Aonde vai o padre Manoel ? O padre Hippolito aonde vai ? Aonde ira o padre Samuel ?"

D'esse ultimo diz o autor :

"Presume-se que deixou agora mesmo a mesa, depois de abundante jantar, que se repete todo dia."

"Depois de abundante destreço" ? Decididamente o autor dos Signos ouviu esse termo dos labios avinhados de algum frequentador de tavernas e freguez-moscas...

Dizem as más linguas que quando o sr. Nestor Victor percorria a passos largos, nivelmente autoritario e grave como um mestre esculptor de aldeia, os longos corredores do Internato do Gymnasio Nazariani, a miusinha brachava safadotalmente, de ~~longa~~ ~~cautelosa~~ ~~cautelosa~~ e prudente...

"Aonde vai o padre Manoel ?"

Mesmo as crianças comprehendem o ridiculo d'essa producção ecclesiastica... perdão ! queriamos dizer litteraria.

Para que continuar ? >E' assim todo o livro do sr. Nestor Victor :

Aqui, com profunda indignação artistica, se lê a historia sem nexo, irrisoria e banal, de uma paragniva que anda pelas ventras bebendo cachaca em gotadas de ~~ouros~~ ~~ouros~~ ; allia desonra mal feita, sem observação e sem estylo, das recepções de um tal dr. Camillo, que parece não ter vindo de Paris e sim de Euridyba ; e assim por diante.

O livro termina com o Sapo, mixtura hedionda, com altas pretensões philosophicas.

De quando em quando nas paginas dos Signos ha o relampago de uma phrase bem trabalhada, a fulguração de uma idea verdadeiramente artistica : o espirito de Cruz e Souza illumina esse caos informe em que tudo é vão, ôco, fôdo, nullo, inaproveitavel.

Alma sem verdadeiras e profundas inclinações para a Arte, volta ao sr. Nestor Victor a feição original, que, quando importante, evidencia uma individualidade de merito real.

O autor dos Signos soffreu, como Carlos Fernandes, Mauricio Jubim, Tiburcio de Freitas e Saturnino de Meirelles, a influencia de Cruz e Souza. □ sirenas.

Mas si esses têm azas próprias, têm merecimento e valor, o sr. Nestor Victor é um nullo em Arte, incapaz de sonhar, de sentir, de soffrer, de vibrar e de fazer vibrar; está infinitamente aquém d'aquelles que consigo formaram o nucleo dos intimos do poeta dos *Pharões*.

Si, como prosador, o pedagogo do campo de S. Christovão não tem valor, como poeta então chega a ser hediondo e digno apenas de figurar em um grupo de pernetas, tão mal feitas são as suas estrophas, tão sem idea, tão sem rythmo, tão cheios de imagens estapafúrdias e incompreensíveis são os seus versos.

"Versos são candelabros que se tocam,
Titante estrelas do crystal ferido."

O sr. Nestor Victor diz isto como poderia dizer :

Os versos são floretas que se cruzam,
Titante chispas do metal ferido.

Ou então :

"São animas que correm pelas ruas,
Titante fogo aos parallelepipedos."

Ou melhor ainda :

"São capoeiras jogando cabeçadas,
Femtosse com facas e navalhas."

Os versos do sr. Nestor Victor são tão desengonçados como a sua nobilissima pessoa e tão incoloros como a côr, que não é côr, de seu semblante, em que se não descobre uma só linha distincta, uma só expressão fidalga, revelando um intellectual.

É basta. Creio haver, com calor, mas sem injurias, que a minha dupla dignidade de homem e de artista repelle, provado que o sr. Nestor Victor não passa de uma gralha empavonada.

Pode o nullo dos *Sigmas* continuar alliciando imbecis e papalvos para lhe servirem de escada, nas esquinas da rua do Ouvidor.

Pode mesmo, para coroar dignamente a sua obra e terminar com nobreza o que anda fazendo entre os Novos, semeando a discordia com as suas ridiculas preocupações de politica litteraria, atinar-se de braços abertos aos homens da *Revista Brazileira* e pleitear a sua admissão na Academia de Lettras.

Decento o sr. Valentim Magalhães não recusará abraçar com affecto tão semelhante imbuo em Arte.

Demais, si alguma opposição lhe fizerem os *Immortales*, poderá impôr, como attestado dos seus meritos, a carta-resposta de Maetenlink, a qual anda mostrando, orgulhoso e ufano, pelas confeitarias e cafés.

Nem por isso os Novos de real merecimento, aquelles que se estão fazendo por si, soffrendo para sonhar, sonhando para viver e vivendo para a lucta e para a gloria, deixarão de considerar-o tal qual é : simplesmente um bedel agalado, que assim se pôde, sem injuria, qualificar o vice-reitor de um gymnasio.

Felix Pacheco.

AS TRES IRMANS

Cantaio te zitelte,
E tutto tee d'amor.
—Canto popular do Latium.—

I

A mais moça das trez, a mais ardente e viva,
Aquelle que mais brilha,
Quando, sorrindo, aos seus encantos nos captiva,
Eu amo, como filha.

A segunda, que tem da pallida açueena,
Aberta de manhã,
A côr, o cheiro, a forma, a languidez serena,
Eu amo, como irman.

A outra é a mulher, que me enleia e fascina,
E' a mulher que eu chamo
Entre todas gentil, é a mulher divina,
E' a mulher que eu amo.

II

A mais moça das trez é linda borbolada;
Estrta, abre as azas, sabe
Não comprehendê boni, nem negra, nem regeita
O meu amor de paé.

A segunda é uma flôr de forma melindrosa,
De rara perfeição;
Não sei, se ella desdentou, ou comprehendê, e gôsa
O meu amor de irmão.

A terceira é a mulher: anjo, monstro, hydra, esphinge,
Eucanto, seducção;
Amo-a: não a combago: é verdadeira, ou finge?
Não a combago, não.

III

Se a primeira casasse, oh! que alegria a minha!
Eu libre diria: vaé;
Veria nella um anjo, um astro, uma rainha,
O meu amor de paé.

Se a segunda casasse, eu mesmo iria á igreja,
Levaria pela mão:
Dir-me-in: o céu azul virar-te nos pés deseja
O meu amor de irmão.

Se a terceira casasse, oh! minha infelicidade!
A mais velha das trez,
No horror da escureição, fora uma eternidade
A minha viuvez.

IV

Se a primeira morresse, oh! como eu choraria
A minha desventura!
Com lagrimas de dôr lavaria noite e dia
A sua sepultura.

Se a segunda morresse, oh! transe amargurado!
Eu choraria tanto,
Que ella iria nadando, em seu caixão doirado,
Nas aguas do meu pranto.

Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,
Sem que eu chorasse, iria;
Porque n'outro caixão, ó minha morta amada,
Alguém te seguiria...

Luiz Delfino.

O OBELISCO DE CÊRA

Dentre a turba multa perigosa dos escriptores officializados pela Academia de Lettras, que vivem engasopando a ignorancia deste meio com as suas pesadas e enfadonhas litteraturas a Pouson de Terrail, o Sr. Coelho Netto se destaca como um typo acabado de litterato frivolo, que, na inconsciencia da sua prodigiosa mediocridade, se suppõe vencedor e da altura ridivula da sua nullidade absoluta contempla com um desdenhi idiota os homens de bom senso que nem sequer o despresam.

Elle escreve, ha não sei quantos annos, com a fecundidade generica de uma ratasana, e no entanto o seu primeiro livro é perfectamente igual na grosseria hybrida de estylo e nas redundancias espartanicas de discriptivo a essa ultima novella xaroposa e sem nexo, publicada na *Noticia* sob o titulo *O Polvo*.

Este ensuppido trabalho do Sr. Coelho Netto é um documento valioso da sua psychologia de escriptor mediocre, sem processos proprios, rotineiro dos folhetims balofos e incapaz de perpetuar uma obra verdadeira, humana e gratulosa, em cuja elaboraçao o talento creador jámais ceda lugar á habilitade insignificante de comparar os factos occasionaes com os factos historicos, muitas vezes esquecidos pela sua legitima e enfadonha estultice.

Accresce ainda que as obras de um artista, seja elle um pintor ou um escriptor, conservam entre si uma semelhança distincta que não é mais do que a natureza do proprio autor em suas diversas apparencias, variando muitas vezes as suas expressões, mas nunca contradizendo os seus sentimentos.

D'essa natural coherencia, expontanea nos artistas, resulta o que se chama estylo ou a particularidade inconfusivel do *modus significandi*. Ora, nos livros do Sr. Coelho Netto este predicado é completamente negativo, o que importa na falsidade da sua natureza de artista; e essa dessemelhança é tão flagrante a ponto de quem ler uma pagina das *Balladilhas* acreditar que tem diante dos olhos um rapzoda de Catulle Mendès e de quem ler o *Riz Fantasma* supper a existencia de um Flaubert do futuro.

Os livros do Sr. Coelho Netto não têm, portanto, outra ligação entre si, que não sejam o seu nome e essas dessemelhanças fundamentaes, que excluem a qualidade primordial de um escriptor a verdade de sentimento.

Ponhamos, porém, de parte essas questões já muito sabidas, e entendi na analyse d'*O Polvo*.

O Sr. Coelho Netto teve a intença de escrever uma novella naturalistica, sim, e pode enfiar. Eusundão sei que altura terá esse novo degráo do pedestal de sua immoralidade. Já ha quatro capitulos, o que foi desnecessario, porque o meu juizo estava feito à priori.

Supponhamos, porém, que *O Polvo* seja do tamanho da *Praga*, que é muito bem calcada no *Macabru* de Byron, e mais pelas dimensões do que pelo assumpto, chamemo-lo de novella.

Nesse genero de litteratura Eça de Queiroz e Alphonse Daudet fizeram prodigios verdadeiros, e quem quer que os não exceda fica abaixo de destructavel porque elles nunca se

orgulharam incinamente, por certo, das fantasias sensualisantes do *O Mandarim* e nem das pompas estylísticas de *Tartarin de Tarascon*.

A encenação d' *O Pako* passa-se em a sala da revisão de um jornal. O Sr. Coelho Netto traça aos olhos do leitor, n'uma confusão apressada, os perfis dos respectivos revisores, entre os quaes se conta um dos seus protagonistas que é estudante de medicina. E desempenha-se d'esta tarefa tão simples, e que ninguém lhe incumbio, com tamanha inferioridade que, terminada a leitura, ninguém se lembra nem do nome do estudante a que elle não soube imprimir um caracteristico distincto que o sustentasse de pé, na sua esphera de acção, durante toda a narrativa.

Passa em seguida a uma descripção infamissima, em estilo de noticia policial, do interior das officinas de um jornal, onde os typographos braçiam mudamente nas fainas meretriciosas da composiçào. Ah! neste ponto, a mediocridade litteraria do Sr. Coelho Netto assume proporções assustadoras de estupidez, tão revoltante que lembra a metempsychose do Poë no corpo desengonçado de um cretino terathologico.

E o homem prosegue descrevendo com todos os requintes da suprema caceteação o trajecto do estudante de medicina pelas ruas enlameadas.

Nesse noctambulismo de lunatico, o joven Galéno depara, não sabemos porque ironica fatalidade, com dous cavallos de policiaes dos quaes o Sr. Coelho Netto, com os arroubos da sua fôfa rethorica, diz cousas muito pittorescas de banalidade de \square Ca'.

Até ahí, porém, a minha resignada paciencia teve de ceder aos indultos da minha curiosidade.

Eu lia com um gozo amargo esses periodos estupidos d' *O Pako* em que a burrice humana se me apresentava com novos aspectos surprehenderes. Então, então, o Sr. Coelho Netto a descrever a belleza de uma rapariga fascinatora de olhos negros e bocca sulphurea e que se chama, oh! brutalidade, oh! volupia grosseira de suino, oh! estupidez da incoscienza e da violente!!!

Uma mulher formosa baptizada pelo Sr. Coelho Netto com esse nome opprobioso! Uma rosa perfumada com acido sulphurico?!

E' o caso de um Phidias *mittido* que trabalhava uma Venus e lhe dependurasse na castidade do seio, em vez das delicadas e formosas protuberancias, duas excrecencias repugnantes e obvias.

Quem pôde levar a serio a esthesia do Sr. Coelho Netto e nem mesmo acreditar na gravidade ficticia do seu apostolado litterario? Elle que tem d'essas descabidas fundamentações que revelam a sua falta de carinhão com a arte de que se diz um devotado pontifice e que publicou esse *Pako* imminente para enleiar nos seus multiplos tentaculos o eleitorado do 1º districto, commettendo, portanto, uma profanação hedionda, tal como seja de degradar a sua arte, que devia ser a sua religião, baixando-a a um nivel inferior, para a obtenção de fins praticos.

O artista que não tem o orgulho da sua arte não tem orgulho de si proprio; não é ter esse orgulho enfatuado e



grosseito que caracteriza as grandes nullidades, mas esse recolhimento soberano, essa impassibilidade leonina e angelica de quem se sente infinitamente superior ao condado impetuoso das pequeninas paixões e a sorolida tristeza nas miserias humanas.

Mesmo que esse trabalho do Sr. Coelho Netto fosse feito com todo cuidado estylistico, seria inviavel nessa hora adiantada da intelligencia humana, que, arrastada nas diversas correntes caudalosas do progresso, precisa de ter em synthese a historia das ideias e não se entregar a leituras prolixas, de complicados enredos, que martyrisam a comprehensão e que são tão somente argumentos derivativos de uma idéa capital capaz de se enunciar na simplicidade eloquente de uma phrase.

Toda a obra estéril do Sr. Coelho Netto é um simples obelisco de cera, encerrado no grande tabernaculo do papelão das convenções litterarias, para não se derretor ao sol comburento da critica impassivel e verdadeira, que não espera retribuição de favores e que nem attende a influencias de meio como attenuantes para a ante defeituosa.

Escreva elle os livros que escrever, na hora augusta da suprema justiça, que está confiada á lentidão immutavel do tempo, todos elles serão esquecidos, como os nomes dos lords opulentos que na era de Shakespeare enchiam a sua patria de riquezas e despotismos. Todos ficaram, porém, confundidos e olvidados na poeira terrana enquanto o nome do artista fulgura no mundo inteiro como um velho sal de legendas.

Carlos D. Fernandes.

EXTRANHAS LAGRYMAS

Lagrymas... N'outras épocas verti-as...
 Não tialha o olhar enxuto, como agora...
 — Alma, dizia então comingo, chora,
 (Que assim minoratis as agoneas!)

Ah! quantas veas pelas faces frias,
 Umaz, outras após, a toda hora,
 Gotta a gotta rolando, ellas, outr'ora,
 Marcavam noites e marcavam dias!

Vinhau do oceano d'alma immenso e fundo,
 De espuma ás ondas salpicando o flanco,
 Bramas, febris, n'um agonia louca...

Nos olhos hoje as lagrymas estanco...
 Rolam, porém, sem que as descubra o mundo,
 Sob a formu de risos, pela bocca!



PUVIS CHAVANNES

*Pierre Puvis de Chavannes
Lyon 1821—Paris 1898.*

As presumpções suntuosas da opulência colorial de **Paul Veronese** que caracterisaram Thomaz Couture inturram menos, sem duvida, no delicado espirito desse extraordinario painelista da harmonia pictural que as nebulosas creações do germanico Ary Scheffer, ambos guiados da sua palheta nos morosos tempos da apendixagem. □ paneta

Começando a expor tardiamente, já adiantado no desfólho da mocidade, Puvis de Chavannes sentio a necessidade d'uma outra esthetica que a sua esthesia obstinadamente reclamava. E foi esse Ideal que o retrahio como retrahira o grande magico da cor, aquella asceta do trabalho que fixou na memoria dos homens o constellado nome de Eugenio Delacroix, que o retrahio, diziamos, do convívio mundano tão fertil, tão fecundo em glorificações proveitosas á sociedade da mediania e do grosseiro egoismo dos prozerosos. □ mediania

Concordia e Bellum, expostas no Salão de 1861, vieram marcar esta época da sua vida de artista enfermato pelo desejo de uma forma que satisfizesse os seus ideaes.

De então, tendo deixado na impressionalidade do publico sem voga, indefinida sensação de grandeza antiga, o quer que fosse da alma dos Masaccio e dos Ghirlandajjos, transportado á febril agitação de um tempo de burguezismo artistico sob o capitulo de habilidades profissionais e que tornam e reformam, cançativamente, pelo fio rotineiro d'um circulo vicioso de assumptos, reduzindo a palheta a entablamento

aerobático de jogos maritimes e a reacção á medida metria das composições consoantes; á estreiteza do espirito giboso das sociedades modernas, Puvís de Chavannes entrou no rebuscamento do seu *conjuncto harmonico*, partindo da expressiva singularidade do desenho á *gamma* restricta dos valores e tons que imprimiam ás suas decorações a calma severa e grandiosa dos sonhos *priscos*, sob o céu tranquillo da Attica, nos aureos tempos das Academias. D'esse primeiro resultado temos lembrança pela incomprehensível e criticada *Estimacoe*, na qual, em verdade — para os que não podiam seguir-lhe o desenvolvimento idealisados — a procurada ingenuidade de expressão affectava as mais rudimentares regras do desenho ou accusava a perda total da mais simples noção da forma esthetica, segundo as convenções apuradas do Renascimento.

Não obstante a preocupação demonstrada, que lhe teria amargurado se vulgarmente vaidoso elle fosse, isso parece ter sido um prenuncio de almejos conseguidos, talvez um subtil preparo do espirito publico para o entendimento da sua obra sequente. Não se lhe pode attribuir com segurança esse intento, mas pode-se accedalleo como boa hypothese, desde que se colleje os seus trabalhos precedentes com os que vieram após *Estimacoe*, incluindo nessa *pericla* por ella marcada, outras produções que a recordam.

Certo é, porém, que o *amplo* harmonico, ou como alguns disseram com precisão — *l'unité de lieu*, a pouco e pouco se formou, se accentuou nos seus largos *panéis* decorativos. A linha das figuras tomou uma *gracilidade pura*, o encantador enlace cymetal que os olhos educados gosam, voluptuosamente nas formas do periodo Praxitellico.

A calma graciosa e intencional da poderosa estatuaria hellemica ressumbra dos seus corpos femininos, dos seus corpos d'homem; o arabesco das composições unio-se, n'uma euhymia quasi esquecida pelo hysteronismo da movimentação; a *paisagem edentificou-se*... sim, é rigorosamente o termo, *edentificou-se* com o todo, envolvendo as suas grandes decorações muraes n'uma só acção, tornando figuras e accessórios inseparáveis, fundindo-os, obrigando-os a completarem-se.

Com esse paciente, lentissimo trabalho de *unitate*, appareceram os recursos de officio que concorreram para tão desejado resultado. São as linhas amplas dos arabescos, attentamente lançados, que se equilibram mutuamente; a representação physica e o gesto explicativo das figuras que se unem ás linhas dominantes sem esforço apparente; a attendida unidade na diversidade que estabelece a harmonia da agglomeração; a exclusão systematica da violencia das sombras, a distribuição calculada da cor que jamais annulla a dominante branca, que jamais destróe a tonalidade e que, realmente, equilibra toda a composição fazendo-a viver n'uma calma soberana, vasta como a rememoração d'uma época historica, longuica e extensa.

Mas, esta esthetica individual, esforço triumphante de uma vontade, que foi exhumada da velha Grecia pagã, offereceu ao artista maior facilidade applicativa á arte mystica, nas reconstrucções de assumptos da primitividade Christã!

Ha neste particular um ponto de aproximação com a obra musical de Wagner, cuja alma tem affinidade com a d'elle.

Innegavelmente esses painéis mysticos, os de *Santa Genevêva*, os da *Inspiração Religiosa*, são a sua obra principal dentre as mais notáveis.

E' nelle que o espirito meditativo e suavemente melancolico de Puvis mais longamente esteve, onde sua alma se expandio n'uma harmonia inexcedivel. Raramente a expressão da Fé tem sido tão suggestionadora, tão fina e emocionantemente alcançada quanto nessas obras! Ellas reteem sem bruteza, o olhar; deslumbram vagarosamente os eixos opticos, penetram intensamente no espirito, ficam como uma visão, alargando-se na indeterminação dos seus afastamentos planimetricos, onde o côrte geometrico dos cyprestes ou a perpendicularidade dos troncos, sem frontiss, não perturbam o deslendar do espaço, não estorvam o vagar sonambulo da contemplação... de vez a mais fascinada, de vez a mais magnetizada pelas belezas emergens d'esse brauto luar calcinado, que faz meditar como o descer dos crepusculos outomnes, como o desnoveamento das primeiras neblinas da invernia que vem gemendo...

E' a pintura espiritual na sua época de inicio, a pintura de Amambã, afastada da reprodução banal da natureza imitativa, que perderá a brutalidade da parte realista para entrar como accessorio memoriado; a pintura que não violenta nem agarra, com escandalos de côr e caricatura de formas, as pupillas sonhadoras dos delicatos, mas insinua-se e extasia; e a pintura renascente, a grande pintura mural dos templos onde se ora, onde se estuda, os adytos da Creança ou os salões das Bibliothécas e Gymnasios que o Futuro levantará para a civilisação que prevemos...

E' é d'esse conjuncto harmonico, d'essa unidade poderosa-mente emocionante, evocando o tempo de Homero e Xenocrates, revivendo o bucolismo das Arcadias ou objectivando a doce consolação do Christianismo que surge a beleza immorttal da obra de Chavannes.

G. D.

A MINHA LYRA

Nesse tempo em que Apollo me invejava
E em que Marte tambem me invejaria,
(Si não fora essa doce covardia
De nos grilhões do amor trazer-te escrava!)

Eras tu, minha lyra, a rode aljava
Em que eu settas hervadas condusia
Para desbaratar a horda bravia,
Que, na sombra garrudo, me assaltava.

Tu não tinhas somente o augusto encanto
De com os teus hymnos levantar o manto
Que as celestes visões encobre á terra...

E hoje? — Injuriante as vencidas hordas!
E eu, cioso de ti, quebro-te as cordas
Lyra, que foste o meu clarim de guerra.

Carlos D. Fernandes.

NÃO É DOS NOSSOS

Emilio Zola estava immortalizado, á espera para descer a sepultura, que lhe sellassem o esquife como o beijo misericordioso do conventionalismo academico.

Escrevendo para a mocidade estudiosa que já não via n'ella mais do que um pesquisador de monturos, incompatibilizado com os poucos que ainda prestam homenagem á Arte sob a Cupula da Senilidade, desprezado pelo grosso das celebridades da carreira, que compõem quasi exclusivamente aquelle impagavel museu de archeologia, o inventor dos Rougon-Macquart, *un homme ficado incaputo, debon mano e' lui*, vivo por falta de cemiterio e candidato perpetuo á immortalidade. Aquelles que n'um momento de alienação julgaram ver na sua obra uma synthese luminosa da vida collectiva, um assombroso monumento de contribuições sociologicas, e o autor o verdadeiro historiador da consciencia de um século, o Bichat vasado em Paulo, cepto perceberam a illusão da miragem e sorriram de novo a doce philosophia dos Miseraveis, á eterna moral do Christianismo, as visões consoladoras das Theorias defuntas. Hugo, o adversario da arte pela arte, o apostolo convencido da arte para a humanidade, deixou de ser o echo da logomachia para a humanidade, deixou de ser o momento momentaneamente sob as ruínas dos templos barbaros, voltou a ser o que era, o espirito ávido de belleza, pedindo alimento ás civilizações extintas, ao drama do Calvario, ás florestas sombrias da India, ao mysterio das religiões passadas, ás legendas sombrias do Norte. □ □

O eclipse durou pouco porque a mentira desfez-se por si mesma. Ao passo que os velhos obreiros do ideal passavam deixando um largo sulco luminoso, como ponto de partida aos reformadores futuros, o autor da *Besta humana* desaparecia sob os nevoeiros do pantano, para continuar a sua abominavel tarefa de sondar a syphus das mansardas e as imundicies dos porões.

N'essa repugnante missão de hyena, farejando podridões, Emilio Zola teve uma unica preocupação: sacrificar á canailha, contando com o successo do escandalo. O vicio não podia ser mais generoso; pagou sem regatear, as emanções fetidas da *Terra* e de *Germinál*. Mas á proporção que o ouro cabia na sacola do editor Charpentier, o hymalaya de abjecções, transformado pela cegueira em cathedral dominadora da estatica do futuro, desapareceu como por encanto sob uma avalanche de lama, e o grande colleccionador de pustulas ficava reduzido ás suas verdadeiras proporções, as de um hystrião de feia exultando aberrações que elle proprio havia inventado, como os malandros de esquima inventam chagas para melhor explorar a caridade publica.

A revisão do processo Dreyfus appareceu-lhe como uma nova mina, desafiando a sua lanterna exploradora, mas Deus sabe quanto custou ao syndicato a adhesão do carpinteiro dos Rougon, a justa campanha em favor do hospede da ilha do Diabo. Justa, digo, não que esteja convencido de um erro judiciario no famoso processo de traição, porque si é verdade que em França não se adira ás costas do primeiro bipede que apparece a farda de honorario do exercito, este tambem não

expulsa um companheiro sem a prova palpável da sua culpabilidade, mas porque entendo que é tão criminoso aquelle que expõe á lança inimiga o coração da patria, como os que a matam pelo descredito nas mais inconfessaveis especulações. Se Alfredo Dreyfus é innocente não podia ter sido condemnado; se elle é culpado deve ser absolvido emquanto os seus congeneres não forem tambem immolados á imparcialidade da justiça.

Com este protesto á meia voz, não tenho em vista nem discutir a innocencia de Dreyfus, que julgo desnecessaria para que pleiteem a sua causa aquelles que esquecem as misérias que nos assolam para se occupar das futuralidades de além mar, nem me proponho a dissecar a obra de Zola, porque além de trabalho inutil, seria expor-me ás consequencias de uma exhumação de cadaveres; quero apenas que se saiba que o mineiro do *Ventre de Paris* não se poz á frente da questão Dreyfus por amor á humanidade ou a uma pretensa raça perseguida, mas por amor de si mesmo.

A sua vida tem sido até hoje a negação absoluta de toda a solidariedade humana. Para prova d'isso é bastante não esquecer este facto que é a justificação completa da sua obra: Quando os patifes da politica franceza, que contam dezenas de imitadores n'esta Cynopolis do Novo Mundo, fizeram condemnar Jean Grave, por um livro publicado havia dous annos e já em segunda edição, não houve quem, menejando uma pena, não protestasse com a suprema energia, contra essa clamorosa injustiça, esse tremendo golpe de inquisição que vinha ferir em cheio a liberdade de pensar.

Na França e na Belgica ficou resolvido entre os homens de letras que todos assignassem uma representação ao poder competente em favor do moço philosopho, condemnado em virtude de uma lei de excepção que tivera para elle effectos retroactivos, contra a vontade presumida do legislador, e de encontro aos mais preliminares principios do Direito.

O documento correu de mão em mão, nos dous paizes, encontrando em todos o mais franco apoio. Quando tocou a vez de Emilio Zola, este não pôde occultar que era legitimo representante do *pat-burgues* burguez, e depois de ler aquellas paginas cheias de amor, de indignação e de supplica, do amor que não é o simples producto de um apostolado religioso, porque é o grito espontaneo do coração, da indignação que não pede vingança, mas inspira piedade, da supplica que não humilha, mas engrandece, respondeu com esta ridicula evasiva: " Não posso, Jean Grave não é dos nossos."

Sim! O autor de *La Société mourante et l'anarchie*, escreve para a humanidade a affronta com a convicção de um apóstolo a indifferença de todos os homens, os preconceitos de todas as classes, na defeza talvez de uma chimera, mas a sua palavra não queima como um carvão em brasa, não é uma ameaça de revoltado, distillando odio, é um grito de dôr que se confunde n'uma prece, não é a flecha envenenada do mysanthropo, accorrido sobre o esterquilinio, é o balsamo da esperanza levado por um desiludido á massa anónyma dos soffredores: Elle, Emilio Zola, sim, não doutrina, especula, não convence, indis põe, não pinta, desnatura, não ama, apedreja; é um canhão de lama, voltado contra uma geração. Elle, que aponta a guilhotina aos que sonham com a liberdade, que abandona

ao silêncio do carcere aquelles que n'um desvario sublime ousam pregar a fraternidade universal, não ensubrecem em reclamar piedade para os que violam as leis da natureza.

A condemnação de Oscar Wilde por motivo que não posso e não devo repetir, deu também logar a que alguns homens de letras, francezes e inglezes, intercedessem em favor do estetha das *Artenções*, junto á rainha Victoria.

Uma petição nesse sentido foi apresentada á diversos escriptores por uma commissão mixta, nomeada em Londres. Alguns assignaram-na para não discutir, outros recusaram-se á tomar parte na cruzada, outros finalmente, fizeram-no com restricções. (b) Zola não só approvou esse documento de solidariedade litteraria, como mostrou-se pesados por não ter sido o primeiro dos signatarios.

Ahi está em que consiste o humanismo do grande romanista das *amazellas*.

E' contra essa mentira que eu venho protestar, lembrando a condemnação de Jean Græce. Quanto ao titulo pomposo de chefe da escola naturalista, não é preciso insistir; se a falta de assumpto justifica esse disparate, a historia impede que elle vingute. O autor de *Naná* não é chefe de escola alguma, porque o garoto não tem cor, nem o vicio recebe da litteratura... A sua obra não é o producto da observação, é o resultado de um euforico, se não for a sua propria alma pelo avesso. Quem abandona a larga estrada illuminada pela viela escura das torpezas, não póde pretender as honras de guia das gerações futuras. Nem Emilio Zola, faça-se-lhe esta justia, acredita na existencia dos seus satellites; está, ao contrario, mais do que ninguém, convencido de que já é um ocaso, differente d'aquelle de que falla Regnier, sem os deslumbramentos de uma cidade em chamma.

Um ultimo desejo o persegue como aos moribundos: ser membro da Academia Franceza. Nem mesmo essa gloria elle póde hoje disputar com coragem, porque alli já não tem logar que lhe convenga.

Ninguém comprehendera com effeito esse grande inventor de abortos, disseccando os methodos seguros de Taine, com os falsos instrumentos da sua sciencia phantastica, forjando balancas para pezar os ribbons de um Leconte da Lisle ou o eridonio philosophico de um Anatole France.

A cadeira que lhe competia já está preenchida, era a de Fernando de Lessaps. Como successor do grande francez, Emilio Zola podia ter morrido dignamente. Ninguém mais apto do que elle para este fiasco epico: O romance do homem, do seu destino, da sua popularidade, da empresa de Suez, da inauguração do canal sob o sol causticante do Egipto, a esperança dos agivoros nas accões do Panamá, os trabalhos impossiveis, o erochedo que resiste, os milhões absorvidos, a fraude no parlamento, as sessões tumultuosas, o jury, a condemnação, o phantasma de Arton. Uma *Odyssea* de escandalo, como se vê, digna da atmosphera do segundo imperio, de onde sahio o romancista = Arlequim, amortalhado em vida e mendigo legendario da immortalidade.

(1) François Coppée, que declarou assignar mentos como homem de letras, do que tomou membro da Sociedade Protectora dos Animaes.

Não ! A mocidade brasileira não pôde tomar parte na galvanisação desse cadáver. Se Dreyfus é innocente, levemos ao prisioneiro de Cayena o consolo da nossa solidariedade, por mais riancula que ella pareça, por menos efficaz que ella seja, não em nome de uma classe, não por amor de uma pretensa raça perseguida, mas como membros da grande familia humana.

A litteratura nada tem que ver com a justiça criminal : deixemos em paz Emilio Zola. Elle não é dos nossos.

Silva Marques.

FLÔRES DA LUA

Branças immortaes da Lua Nova,
Frisas de nostalgia e somnolecia...
Sombros brancos da Lua e viva essencia
Dos phantasmas noctívagos da Cova !

Da Noite a taxa e tacidinha trova
Solaga, n'uma tremula durmencia,
Na mais branda, mais leve florescencia
Tudo em Visões e^{em} Imagens se reodva.

Mysterios virgines dormam no Espago,
Dormam o somno das profanitas seivas,
Monotono, infinito, estranho e lasso...

É das Origens na luxuria forte
Abrem nos astros, nas sidéreas leivas,
Flôres amargas do pallor da Monte !

Cruz e Souza.

O POVO NEGRO

Posto que as nossas questões se eternizam aqui, dignas das republicas mulatas, Bolivia, S. Salvador ou Haiti, volte-mo-nos para o lado do Mar Vermelho, o mesmo que alagou Pharaó quando perseguiu Israel. Um povo se move ahí em busca dos areaes ardentes.

O ruido das suas armas ha pouco victoriosas, responde aos rugidos das aguas. Elle desce dos seus alpes tropiezes e offerae aos espacos a belleza dos seus corpos athleticos, os semblantes orgulhosos d'aquella coragem que venceu, perto de Adona, a sciencia occidental dos italianos.

E' uma multidão de heróis negros, de cabeleiras encapinhadas, nobremente edificadas sobre cascos gordurosos.

Garabinas, lanças, sabres, arcos e escudos de couro realçam os vigores juvenis.

São os filhos da Rainha de Sabá, aquella que veio á Jerusalem admirar a sabedoria de Salomão, e voltou depois ás cidades do seu reino, enriquecidas com os thesouros de Ophir, levando um filho nos braços.

D'este foram engendrados os negus que, orgulhosos de um parente seu divino, enviavam durante séculos a Jerusalém a fim de se instruírem nos velhos templos, os melhores representantes da sua aristocracia.

Ali aprenderam ao mesmo tempo a morte e os triumphos do Christo, voltando saturados de Evangelhos, simples, fraternos e subimes.

Byzantio consagrou seus bispos em Alexandria. Esta christandade da Africa, protegida pela solida trinchera das suas montanhas, prosperou, biblica de alma, christã de princípios, cavalleressa à moda das cruzadas. Ella se havia prometido o imperio ethiopia, desde os lagos mysteriosos do Centro negro até a embocadura do Nilo thebaico.

O sacerdote João considerava-se o rei dos reis, porque seu immenso dominio, herança de Sabá, estendia-se para Ophir, a região das perolas e do ouro, á que hoje chamamos Rhodesia Transvaal, paiz de Kimberley, o Cabo.

Sob seus auspícios as caravanas penetraram o Soudan conduzindo á Tombouctou architectos egypcios que, sobre o Niger occidental construíram casas segundo a arte sagrada de Osiris. São essas as magnificas tradições que defendem os exercitos dos Kás. Seus soldados pensam em fazal-os triumphar e reconhecer pela força de suas armas. As victorias ganhas contra os generaes de Roma exaltaram-lhes a confiança. Eles viram, deante do seu arador, fugir despersos batalhões fazendo cair uma chuva de ferro que amontoava os cadaveres dos christão negros.

Isso parecia-lhes uma abominavel traição. Como é que um povo trazendo a bandeira da Cruz podia atacar os defensoras da arca santa? Elles possuem com effeito a arca da aliança diante da qual dançava o rei Davud e dançam ainda hoje os seus diaconos quando a prossição serpentina por entre as tendas de couro e as cabanas de madeira. Uma fé antiga, inquebrantavel promette o paraiso ao tres passos do soldado succumbindo pelo seu Deus.

Elles não duvidam d'isso. A morte nos combates sorri-lhes com a magestade do anjo que entremete ao leito o esplendor dos palacios Celestes. Foi isso o que se viu durante a batalha.

As artilherias italianas ceifaram em vão os campos moveis d'esse povo. Sobre as payias humanas outras espigas se levantavam. Um vento de fanatismo as arrancavam, approximando-as. As multidões abatidas succediam multidões para correr contra os canhões abraçados da Europa.

Os italianos olhavam-se com ossombro. A morte não fazia parar os filhos d'essa rainha que dançava como uma abelha' diante do rei Salomão.

De descargas em descargas, as peças aquecidas pelos jactos de fogo tornavam-se menos maneaveis.

Foi preciso envolvê-las em pannos para poder manejal-as ainda, e os pannos fumegavam. As mãos dos artilheiros ficavam em chagas ao contacto das culatras.

O povo negro não se fatigava de morrer, crescia, gritava de colera santa. Elle se reformava, immergia da sua nova força, as suas forças abatidas.

Profundas humanas substituíam as hecatombes horribas. Luziram emfim os velhos alfanges enquanto as carabinas eram brandidas como clavas. Vôos de zagaias escuras o ar. Uma rapidez milagrosa conduzia o arremço dos abysinios contra as companhias italianas que choravam por não poderem mais supportar as armas abraçadas. □ 1

O panico apoderou-se do scepticismo da Europa que começou a fugir deante da Fé negra.

E foi esse o desastre sem nome. As cabeças cortadas foram erguidas nas pontas das lanças, os peitos, em uniforme foram abertos pelos antigos alfanges. Esse poço invensível, ignorando o medo, abraçando a morte como a porta do céu, hoje se agita e desce de novo dos seus alpes. Para que? Ninguém o sabe. As chancellarias se inquietam, quasi que não acreditam no preceito de uma disavonça entre os Reis, que o successo de um combate resolveria.

Certos publicistas da Inglaterra insinuam que a Russia e a França teriam arrastado o Negus á retomar Kassala, cedida pelos italianos ao Foreign-Office.

Em seguida, os Abysinios, evocando o seu direito tradicional, iriam ao Nilo na direcção de Gondoum e Fachoda e redimariam das tropas do Sidar Kitchener sua antiga soberania sobre a Nubia, hoje com as fronteiras em litigio. A volta do Comandante Marchand e de sua columna pela Suíssa africana não seria estranha a essas tentativas futuras. Tudo isso pode não passar de phantasias de jornalista, especulando com a furia patriotica dos Cokneys reunidos nas tavernas de Strand.

Entretanto o perigo, á pensar n'isso, não seria improvavel no meado do seculo vindouro, não sómente para os inglezes, mas ainda para todos os europeus que se installam na Africa. □ 2

Quando o commercio e a civilização tiverem importado o material e a sciencia da guerra entre os povos fatalistas do continente negro não lutará mais que um Napoleão para lançar ao mar os intrusos do Norte. Os Samory e os Rabab promettem a historia alguns emulos que não differirão muito dos Tamacha, dos Actia e dos Bonaparte.

Recebia-se ainda ha pouco em Marselha os senegalezes que acompanharam Marchand até a Fachoda. Seu valor é formidavel, sua persistencia é exemplar quando interiores do exercito francez os instruem e os conduzem. □ 3

Em Madagascar os caçadores haussas, disciplinados pelos nossos compatriotas, fizeram extraordinarios prodigios.

Os inglezes alistam os Achantis e formam com esses barbaes valorosos um exercito que nos desalojará dentro em pouco do Valle do Nilo, se não seguirmos um tal exemplo para ensinar a escola do pelotão aos galhardos antropophagos do Dahomey. □ 4

A Africa fórma um immenso reservatorio a soldados. Depois que cada diplomacia os tiver provido de instrucção militar e de fugir a repetição, esses negros utilizarão um dia o seu saber para espulsar o homem branco. Já os belgas lutam contra as tropas revoltadas do major Dhavis, no Congo. Duas

peças de artilharia estão em poder dos rebeldes e já longos mezes dura o conflito sem victoria européa. Se os maladistas tivessem tido nas mãos carabinas Winchester em lugar de mosquetes archeologicos, os quinze mil d'entre elles, executados, a fogo de salva, teriam aniquillado os effectivos anglo-egypcios.

Ora, as competições das potencias nos vales dos grandes rios terão como resultado politico entreter forças indigenas contra os seus rivaes.

São os inglezes do Cabo e do Zanzibar que fomentam a revolta dos Sakalaves no oeste de Madagascar, e os da India que sustentam as insolencias siamesas com relação aos nossos funcionarios no Mekong. Do mesmo modo na China. Por mais que se avance, menos o gosto de se bater animará as almas das raças occidentaes.

Raciocinam-se bastante para invejar ainda a alegria de matar e triumphar com risco de perecer.

O grande livro ou o curso da bolsa interessam mais os negociantes e os pequenos rendeiros do que o uso das armas; os operários não se aregimentam voluntariamente sinão nos syndicatos; e o bolangismo fracassou totalmente nas populações ruraes porque o poder de então havia propagado esta maxima: "O bolangismo é a guerra e a desforra".

Nas colonias sobretudo serão resolvidos os conflitos por intermedio dos batalhões indigenas. As raças cruas da Africa fornecerão exercitos formidaveis, persistentes, valorosos e disciplinados.

Que uma d'essas raças domine as outras, centralise as suas forças sob uma autoridade napoleonica, e da noite para o dia a Africa emancipada, engendra milhares de conquistadores.

A Europa deverá então tremor por suas injustiças, suas artes, suas bellezas.

Os abyssinios poderiam facilmente ser os centralisadores d'essas forças. Elles representam exactamente o estado da nossa civilisação no seculo XIII. Religiosos e festivos, apaixonados de legendas cavallerescas, animados pela lembrança da victoria recente sobre Roma elles compõem uma nação cohesiva, graças ás tradições remotas, universalmente reverenciadas.

Sua orthodoxia judaica os apparenta a nós, e por seu intermedio nossa sciencia da agricultura, da guerra e da industria vai penetrar rapidamente no centro africano. Nossos conhecimentos servirão á esclarecer-lhes o espirito robusto, de tal sorte que lhes assegurarão a intelligencia de dominar: Sua alma mediavel se assimilará mais commodamente aos interesses das raças sultanezas do que a alma européa de hoje, mais afastada das concepções fetichistas, ingenuas, preguiçosas, caras aos negros.

O explorador Jean Soudan conta que durante sua estada na Abyssinia, presenciava em uma festa publica uma cavalgada de — senhores —, em armadura do seculo XVI, lardeados de ferro, e o capacete na cabeça.

Surpreso, soube depois que os nobres cavaleiros do Negus revestiam assim antigas armaduras portuguezas, dadas aos

seus antepassados pelos navegadores que seguiram o exemplo de Vasco da Gama. E, com efeito, eles eram bem os corpos e as almas próprias a essas armaduras magníficas, os cavaleiros abyssínicos, de quem Jean Soudan explicou-me então os costumes, sobre os quaes ensaio de dar aqui o essencial.

Os cavaleiros d'Adona não cedem em bravura ás legendas das nossas cruzadas.

Talvez os nossos filhos sejam os infelizes atheos que elles veneram nas planícies turcas ou hungaras, tendo transposto todas as artelherias tomadas nas regiões do Egypto e do Libano, os desfiladeiros do Caucaso e a Russia meridional.

Com as suas energias virgens, famintas, o povo negro abaterá as raças brancas, cépticas e sabias, que recommearão sob o seu jugo o esforço politico empreendido pelos colonos romanos e a egreja catru o dominio franco em fim deslocado em 1703, após do século de esforço commum!

Assim, não nos é licito tomar ao serio as rivalidades ruidosas que dividem a igreja catru, Alemães, boers, com relação a essa terra africana que nada poderá manter em mãos de europeos, se a Europa não tratar de fundar, terminadas as suas questões, a Africa internacional cujo código garantisse os mesmos direitos, prerogativas e vantagens a todos os colonos de raça aryana arvorando um signal que reunisse as cores dos povos irmãos pela sciencia e pela philosophia ensinada segundo os mesmos termos, em Londres, Paris, Peterburgo, Roma, Vienna, e Berlim, cidades da mesma intelligencia, isto é da mesma patria.

Paul Adam.

OLHOS

De tons de luz de Lua sobre um rio,
Por fendas turvas infernaes passando,
Lédoas quejas amor de Orpheu cantou chorado,
Sob o arco de um céu sereno e frio.

Rio de queixas de Amor e murmúrio...
Sobre Ophelia que morta vai boiando...
Rosas, ouro, em aureola, a agua iriando
Em tons de céu de palio sombrio,

De cabellos de luz que a envolve e entrança,
Olhos que dão Amor, Fé e Esperança,
A quem somente a Morte tem na vida.

Do Sonho a estranha Escada, a alma sonhando
Sobe e fica acima, alto, além, pairando...
Dos Sete Palmos da fatal Descida!

Maurício Juhim.

SONHO DO CORAÇÃO

... Esse nome, não é a primeira vez que eu o ouço ; nelle com frequençã me falã. Uma incômodade já faz-se com os meus ouvidos, e não só com os meus ouvidos : conluço todos os gostos, pendores, d'essa alma de mulher doce e meiga : o original requinte modesto dos seus vestuários, a discreção tímida, coadunando-se com elle, do seu viver, os livros que lê, as musicas que seus dedos desfolham, o seu temperamento mesmo e o seu caracter, a maneira de se sentar, e de olhar, e de pronunciar taes palavras, os seus gestos, os seus tics nervosos...

Convivencia de almas candidas, de almas simples. ... Repentinamente, aluado a tudo, esse nome me souu aos ouvidos, melodioso, romantico, mas não lhe prestei o cuidado de uma attenção, nunca o tivessã ouvido, antes, embora : negligente-mente, pensei : algum conhecimento novo, o entusiasmo fútil de um conhecimento novo ; e não as escutã mais, essas almas ; eis, porém, que a ouvi outra vez, e outras vezes, tal nome, e toda a relação do meu espirito com elle começou então : fui conhecendo toda essa alma, com as suas originalidades, as suas particularidades e as suas delicadezas, porfim, já eu a conhecia, como si com ella vivessã a longos, íntimos annos, como si a conhecessã, essa que a vive, com toda a sua doçura e todo o seu condor...

Duke ! quando n'ella fallã, eu me approximo, agora, e escuto, como que a notar, a ver si noto alguma minacia desconhecida para mim ainda, como si se tratassã ... como si se dissertassã sobre algum do meu conhecimento pessoal, igualmente, e, vezes, a um esquecimento de algum de entre esses que a conhecem, ou a algum traço ignorado por algum que não a conhece ainda, sou eu que o lembro, sou eu que o faço ver.

Nunca eu a vi ! nunca eu a vi ! e tão perto, entretanto ! Subo a rua, desço a rua, horas diversas, e desço, e subo, e nunca, mas nunca ! Só devo conhecê-la pelas palavras de outrem, através de um espirito, quasi n'um sonho ; só devo conhecer-lhe a alma : os seus gostos, os pendores do seu espirito, o seu caracter e o seu temperamento, todas as exterioridades da su'alma, toda a su'alma agindo, e apenas. Eu proprio — contradicção pasmosa ! — fugia de lhe ser apresentado, de a tratar de perto, como que no receio, no presentimento de uma desillusão amarga...

N'essa convivencia, convivencia incessante, a me penetrar os ouvidos, a me viver no espirito, um sentimento foi-me nascendo no coração vazio, pobre musculo frio que intermittentes paixões agitam, fugaces, e logo se caia, ao cair de cada ephemero sonho, cansado e desiludido, sempre de um sonho em póz, para, ahim, se impossibilisar na nausea de uma desillusão, na indifferença, a fadiga, a ankylose de um maguado desanimo.

Que de seu ser physico eu conhecia, acaso ! Impressões de outras almas, outros olhos : alva, bastos cabellos negros, baixa e franzina. E o mais, minacias desencontradas, mas a que eu dava uma harmonia, que eu harmonisava, a que eu emprestava uma coerencia. Esses hosannas bastavam-me. Outros hosannas eu lhe entoava, ás phantasias da minha imaginação

retocando esse perfil, esse quadro, essa estatua viva, a existir apenas dentro de meu sonho, sonho apenas para mim, criação de sonho, pois que eu não a vira jámais.

Que importava isso, no entanto? N'essa convivencia em que eu vivia com ella, pela alma embora, um sentimento o coração me aquecia, punha calores de estio na paisagem liberal da minha alma cançada, transformava esse inverno em uma fragrante e virente primavera de coração a despertar para a vida, nos primeiros actos de uma paixão de começo de adolescencia. Nunca eu a vira, nunca eu a vira, mas amava-a—era um facto. E já não procurava vel-a, porque era como si já a tivesse visto, como si a visse todos os dias: eu a conhecia, eu a conhecia como ella existia dentro de mim, e bastava-me.

Bastava-me! Pobre criação! Na sua furia de amor, de se desprender d'esses gelos de inverno precoce que o marmorisavam, alvo blóco que nem a côr do sangue tinha a mentir, elle já amava esse sonho, elle se librava na phantasia alada d'esse sonho, todo era esse sonho, enfim, — sonho que a imaginação lhe dera a acatentur^{to} os ocios pungentes de abandonada, e de que, agora, viveria, dilatando-se, expandindo-o...

Raul Braga.

NOTICIARIO ARTISTICO E LITTERARIO

STEPHANE MALLARMÉ.

Alma pura de poeta santificada no martyrio da Maldição, ninguém melhor do que elle soube ser o escudo do Bem e o amparo da Virtude. Era a estrophe sonorizando uma alma melodiosa e angelica, a rimar n'um *accendum* suavissimo com os seus sentimentos brancos da Poesia.

Quando seu corpo atravessou as ruas de uma cidade de França, não era o respeito á materia sem alma que descobria a quantos que por allí passavam, era a admiração que vinha e chegava até aos labios dos que o souberam comprehendem n'uma reticencia de pasmo...

Mallarmé, na cruzada santa da Arte, foi um cavalleiro ousado e terrivel.

Finou-se...

Caia a benção dos que acima de tudo amam a grandeza dos corações, sobre o espirito refrigente e raro d'este artista sublimis!

PAUL VERLAINE.

Em Paris, á 9 do mez passado, decimo terceiro anniversario da morte de Paul Verlaine, poetas e litteratos feis á memoria de Pauvre Lelian reuniram-se no pequeno cemiterio dos Batignolles e sobre a simples pedra que cobre o tumulo do poeta derramaram rosas, violetas e sentidas lagrimas, demonstração de uma dôr e de uma snudade que guardarão para sempre.

M. Lepelletier, n'uma brilhante e expressiva allocução, lembrou ao Comité não deixar no esquecimento a idéa do monumento á memoria de P. Verlaine que se pretende erigir e agradeceu em nome da Commissão Commemoratva aos que

quizeram prestar aquella homenagem ao genial Poeta Mal-

dicto, ram
Auguste Rodin, actual presidente eleito do Comité, já conseguiu de Caille Mendès uma representação theatral e de outros artistas francezes a venda em leilão de obras de arte realizadas á 25 do corrente, em favor do monumento.

O esculptor Rodo-Niederhausen está encarregado do monumento, que será levantado em Luxemburgo, Jardim dos Poetas. Unicamente a cabeça do poeta será representada sobre uma alta columna de marmore, tendo em redor da base inferior, representadas por finos relevos as inspirações e os sentimentos que dominam a obra do poeta immortal!

Em breve esta obra de arte será visível pelo publico francez e os admiradores da *Sagesse* e do *Amour* poderão meditar deante a effigie de seu poeta.

PUVIS DE CHAVANNES.

Esta alma forte, pura e harmoniosa desapareceu eternamente e eternamente ficarão as suas obras, onde se elevam as chiméras, as visões e os sonhos ou a poesia dos céos lyonezes reflectidos nas calmas aguas de uma existencia que findou.

O autor do *Pauvre Pêcheur*, todo uma tristeza humana e todo uma viva miseria, e do *Boix Sacré*, terá em breve uma estatua nos jardins do Louvre.

Uma comissão especial do Conselho Municipal de Paris occupase actualmente do pintor de *Santa Genoveva*. Os seus herdeiros acabam de offerecer ao futuro Museu de Paris 163 desenhos ineditos do Mestre que se compõem das pinturas do Pantheon, do Sarbonne, do Museu de Marselha e do de Boston, que serão expostos em 1900.

Os desenhos destinados ao Museu Galliera serão expostos no fim deste mez. Numa mesma epoca M. Rauyon, director da Escola das Bellas Artes, fôrão abrir no Museu de Luxemburgo uma exposição onde serão reunidos outros trabalhos de Puvís de Chavannes.

O Galliera offerrece aos seus visitantes 152 desenhos do morto e do Luxemburgo 149. Estas duas exposições devem ser uma honrosa homenagem á memoria de Puvís, pois, mostrarão o talento e a alta proeza artistica que possuia seu genio.

GEORGES RODENBACH.

Este amante fervoroso da vida, da vida com suas alegrias, da vida com suas dôres, acaba de morrer, apenas com quarenta annos. A Morte, tem ultimamente arrancado d'entre nos os nossos mais entusiastas e mais queridos irmãos em Arte: S. Mallarmé, Puvís de Chavannes, Gustave Moreau, Auguste Lauzet, Burne Jones e por ultimo G. Rodenbach.

Nasceu em Bruges (Belgica); ali elle passou quasi toda sua mocidade e apprendeu a amar aquellas vastas ruas, outr'ora cheias de vida e actividade, hoje tristes, desertas e cheias de silencio.

Bruges, foi para elle uma revelação; esta cidade melancolica e suggestiva legou-lhe o mysticismo cheio tambem de melancolias e o entusiasmo cheio de amor para os seus bellos versos e sua sonora prosa, que inspirou *Bruges-la-Morte*.

e *Voile*, que definitivamente foram as obras que consagraram o seu talento.

Rodenbach, embora nascido além das fronteiras septentrionaes, amou a França e ella considerou seu filho adoptivo.

Legou-nos as seguintes obras: *Bruges-la-Morte*, *Voile*, *Tristesses*, *Jennesse Blanche*, *Régine da Silénae*, *Art em exilio*, *Mér-clogant*, *Hiver mondain* e outras, todo um conjunto de qualidades melancolicas e graciosas, finas e nostalgicas, todo uma graça fria, com que o poeta nos canta os rios lentos de sua Pátria, os carilhões das altas torres de Bruges e os frios pallidos da Hollanda de inverno.

Georges Rodenbach tinha no mais alto ponto o dom da imagem rara e preciosa, e de sentir as longinquas analogias que dão um ser a paisagem, estas analogias que são os gestos discretos e as palavras surdas da alma das cousas.

Elle foi um intimo de Daudat, de Mallarmé, e dos Goncourt, que lhe consagraram numerosos paginas do seu *Journal*.

Legou amargos saudades áquelles que viveram em sua intimidade e a todos os amigos que as suas obras lhe conquistaram.

CHARLES BAUDELAIRE.

O poeta das *Flores do Mal* também terá a sua estatua no Luxemburgo. O artista A. Rodin já executou o busto do poeta, cuja concepção é a mesma do de Verlaine. Esta obra que será evidentemente de um valor artistico, em breve será admirada, portanto a actividade dos membros do Comité que em 1892 foi organizado sob a presidencia de Stéphane Mallarmé com esses gloriosos intuits, não a deixará sepultada no esquecimento.

CRUZ E SOUZA.

No dia 19 de Março, faz um anno que desapareceu materialmente d'este mundo, que era para elle um desento illimitado, o extraordinario artista do *Atissal* e dos *Broquets*.

Os seus intimos amigos que não querem deixar passar, fechado n'essa grande saudação que elle lhes legou, esse dia tão triste e tão glorioso, pretendem solemnizar com uma conferencia publica n'um dos nossos theatros o anniversario da morte do divino negro, do genial poeta dos *Ultimos Sonetos*.

Pretendem ainda publicar em folheto uma colleção de seus sonetos, luxuosamente impresso, acompanhado do retrato do morto immortal. E o producto da venda d'esses folhetos, será revertido em favor da viuva.

LA REVUE DES BEAUX-ARTS ET DES LETTRES.

Esta bella publicação franceza fundada em 1830 em Paris, é feita pela Academia de Bellas-Artes.

No seu corpo de collaboração acham-se Maurice Barrés, Léon Dierx, Gustave Geoffroy, E. Charpentier e Auguste Rodin.

O numero de 15 de Janeiro do corrente anno traz, d'entre os muitos trabalhos, uma carta inédita de S. Mallarmé dirigida á Mme. Mery Laurent, e um desenho de Maurice Neumont, feliz e admiravel concepção, que pretendemos reproduzir no 2º numero da *Meridional*.

Infelizmente ainda não possuímos um jornal de arte, uma revista em que se tratasse de pintura, esculptura, gravura e decoraçào no genero da *Revue des Beaux Arts et des Lettres*, que gloriosamente vae caminhando para o centenário.

6 POETA, MICKIEWICZ.

O centenário do grande Mickiewicz foi celebrado em Vienna, com uma pompa extraordinária.

A aristocracia polaca, a corte, a sociedade viennense e todos aquelles que guardam intimamente saudades do poeta e do patriota polaco, assistiram ás festas. O monumento de Mickiewicz foi inaugurado em Varsovia. Este monumento que é uma soberba obra de arte, foi executado pelo escultor Godebski, de França. □ foi

MAX RADIGUET.

Annunciouse de Brest a morte de M. Max Radiguet, o celebre caricaturista com a idade de oitenta e tres annos.

Max que collaborou nos principaes jornaes da Europa, era um dos mais antigos cavalleiros da Legião de Honra; foi condecorado em 1838, de volta de uma campanha que fez nos mares do Sul na qualidade de secretario do infornunato Dumonds d'Urville.

MAURICE BARRÉS.

Em forma de um pequeno livro de lembranças — confidencias dos annos de infancia, emoções de outra era, todas alegrias e tristezas do passado — Maurice Barrés publicou um volume dedicado à memoria d'aquelle que foi o companheiro leal de sua mocidade e amigo da sua vida, à Stanislas de Guaita.

Não posso, aqui, sinão annunciir a appareição d'estas paginas. Flores delicadas depositas sobre o tumulo de um poeta, ellas constituem não somente um documento precioso para aquelles que querem conhecer a obra original e forte de Stanislas de Guaita, mas fazem conhecer ainda a alma profunda do joven escriptor, do poeta que perduram as lettras francezas. Ven

DANSEUSE DE POMPEII.

O successo escandaloso da *Danseuse de Pompeii*, o novo romance de Jean Berthelet, augmenta dia a dia.

E' um livro de volupia e belleza que todas as mulheres querem lêr; é a obra a mais escandalosa e a mais sensual que se tem escripto, n'estes ultimos tempos. O caricaturista Pierre Emman descobriu picantes illustrações para este volume que tem sido a leitura agradável dos litteratos.

A casa Ollendorff trabalha em uma nova edição.

AS FESTAS DE GOETHE.

Em Junho proximo serão celebradas grandes festas em Francfort, na occasião do 150^o anniversario do nascimento do autor do *Fausto*.

Diversos Comités já se formaram, com intuito de darem á esta homenagem um brilhantismo significativo.

Além das outras ceremonias elaboradas no programma, notamos tres interessantes: ao romper da manhã do primeiro dia de festa tocarão os sinos de Santa Catharina, que annuncião o nascimento do autor de *Werther*; os admiradores do

grande poeta irão em romaria ao cemiterio de São Paulo, onde serão depositadas flôres sobre seu túmulo. Então: uma festa popular será celebrada em uma floresta vizinha de Francfort, em um lugar chamado *Kapouso de Goethe*.

LA FORCE — PAUL ADAM.

Paul Adam, acaba de publicar em Paris a sua obra prima, o grande romance *La force*, tão ansiosamente esperado. No meo de um drama apaixonado e grandioso, é todo uma epopéa dos exercitos republicanos mostrando aos povos, nas pontas de suas bayonetas a idéa da liberdade.

Na *force* está a revolução de Moskirch e Ulm, Austerlitz e Wagram, tão celebre nos annes da Historia. Tudo o que a litteratura pôde dar de documentos valiosos sobre esta época heroica acha-se allí vigorosamente escripta em phrases bellas e admiraveis.

Depois da *Guerre et la Paix* de L. Tolostoi, *La Force* de Paul Adam explica o animo dos sacrificios adquiridos ao triumpho de uma bandeira. O eminente escriptor nos offerece o romance da nação franceza, no momento de sua transformação social, quando o seculo luta no tumulto das guerras.

E' a epopéa de um enthusiasmo historico animando os povos da França contra a monarchia.

JÚLIO DANTAS.

Julio Dantas assistio no dia 5 de Janeiro no theatro de D. Maria, em Portugal, o successo extraordinario da primeira representação do seu drama — *O que morreu de Amor*.

O novo dramaturgo escreveu uma obra " eminentemente portugueza, profundamente sentida, poderosamente elaborada e a revelação de um grande talento dramatico cheio de mocidade e de vigor, que deve cumular de gratas esperanças a nossa alma abalada pelas angustias da decadencia patria. E' a outra consoladora e tepido do genio que vem batejar-nos o espirito combalido, enregelado pela descrença, mirrado pelo tedio.

Entra-nos pela alma a convicção suave da vida persistente da nossa raça, manifestada n'uma obra artistica de primeira grandeza. E' porventura o inicio da benefica desforra que nos deve a fortuna. E com certeza que essa funda emoção patriótica accresceu a vibração dos applausos, aliás já merecidos pelo seu valor intrinseco, que acolheram o drama de Julio Dantas."

O autor do *Nada* entregou-se agora a escrever dramas que em breve hão de dar vida e gloria ao theatro nacional.

" Sobrio e lucido no dizer, habil no trabalho de contextura dramatica, simples e natural no desenvolvimento da acção, suavemente idealista no revestimento da paixão humana, Julio Dantas reúne ainda a todas estas qualidades uma que deve ser profundamente grata ao coração dos portuguezes: o amor, direi mais, a ternura pelas nossas cousas, o desdém pelo estrangeirismo, um como offato nimiamente sensível ao perfume do torrão natal, capaz de o extirpar de todo o fantum extranho que o contamine."

O theatro portuguez sente-se orgulhoso pela offerta de uma peça que é bastante para consagrar o nome do seu autor?

NOITE DE NATAL.

Representa-se em Portugal o drama *Noite de Natal*, em 3 actos e original de Julio Brandão, autor do *Jardim da Morte* e *R. Brandão da História de um Palhaço*, dous moços de talento da nova geração portugueza.

Ambos levados pelo mesmo ideal litterario e artistico escreveram uma obra no genero Ibsen, de caracteres bem distinctos e definidos, moldado nos costumes portuguezes.

ADOLPHO CAMINHA.

Amigos intimos e companheiros sinceros do autor da *Normalista* e de criticas *Carlas Litterarias*, promoveram uma subscrição para com o resultado obtido darem as cinzas de A. Caminha um abrigo eterno.

Um dos amigos do morto, está encarregado de fazer uma conferencia no theatro S. Pedro de Alcantara, analysando a individualidade de Caminha e suas obras. Lèou-nos elle as seguintes obras: *A Normalista*, *O Bom Conto*, *O País dos Yankeees*, *Cantas Litterarias* e a *Tentação*.

EVOCÇÕES.

Por todo o mez de Março deve sair do prelo o livro *Evocções de Cruz e Souza*. Esse livro está sendo impresso na Typographia Adalina.

Os possuidores dos cartões que dão direito a esse livro serão avisados em tempo para o receberem no escriptorio da *Medicina*.

A ARTE.

Elyσιο Fonseca, representante da nova revista portugueza, nos enviou os seus ultimos numeros, pelo que ficamos muito gratos.

A *Arte*, orgão dos Nôvos de Portugal, tem como directores os Srs. Julio Lobato e Vesidiano Gonçalves.

Traz trabalhos de prosa e verso da nova geração do Brasil e Portugal. O ultimo numero de 1 de Janeiro do corrente anno, consta do seguinte sumario :

Treze quadros, por Affonso Lopes Vieira — Cruz e Souza, por Oliveira Gomes — Recolha de estrellas, por Cruz e Souza — Coelho Netto, por Theodoro Rodrigues — Niobé, por Marc Legrand — As Momentaneas, por Justino de Montalvão — Lyrica Excepcionnal, por Julio Dantas — Hymno da Alvorada, letra de Julio Brandão e musica de Cyriaco Cardoso — Reve-
nic, por Birger Morner — Resemba, por D. Santos Guerra —
Légende, por R. Risberg — Jornal de Alenank — Gra-

D'entre os trabalhos da *Arte* destaquemos pelos seus singelos, doces e admiraveis versos, *Recolha de Estrellas*, de Cruz e Souza, o negro immorttal, o fim artista do *Arissal* e das *Evocções*, o extranho poeta dos *Boaquais*.

Muito nos entristeceu e desagradou, na sua parte litteraria, um estudo critico, com falsas e fingidas nobrezas de artista á individualidade litteraria de um nullo officializado pela Academia Brasileira de Lettras.

LA REVUE BLANCHE.

A independente e corajosa revista quinzenal dos Novos da França, dirigida pelo vivo e irónico talento de Alexandre Natanson, continua a manter-se com o mesmo entusiasmo dos numeros anteriores.

O ultimo numero de 15 de Janeiro, que é o 135, é collaborado por Léon Tolstoi, R. Kipling, Raymond de Passillé, Eugene Vernon, Pierre Finet, L. Pouget, Mme. Catulle Mendes, J. Laubier, T. Natanson, Jules de Gaultier, Charles Gaumier, J. Guetary, L. Belagron, etc.

O artigo *Notre loi des Suspects*, de Emile Pouget, nos interessa vivamente pelo estudo que faz das idéas republicanas na França e dos seus propagandistas mais exaltados, e entre elles, cita, Laffay, Benjamin Constant, Barrot, Barnavé e Laboulaye, com interessantes notas para a historia.

De Mme. C. Mendes, uma poesia intitulada: *Notre Sœur*, com puros e admiráveis versos, choios de uma ironia extranha e leve.

Traz ainda um bello e artistico desenho de Jean Aulbert, pelo laudo do artista Félix Vallotton.

A *Revue Blanche*, uma das mais sympathicas revistas francezas entrou agora no 10º anno de existencia.

A TRADIÇÃO.

Appareceu em Serpa (Portugal) a "Tradição", interessante revista mensal de ethnographia portugueza, publicada n'aquelle local tendo como directores Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

Eis o summario do 1º numero :

Preliminar, pela redacção — O doctor da mala russa, por Souza Viterbo — Natal, Anno Bom e Reis, por M. Dias Nunes — Cancioneiros de musicas populares, por Paulo Osorio — Vidigueira e suas tradições, por Fazenda Junior — Novellas populares, minhotas, por Alvaro Pinheiro — Jogos populares, por Ladislau Piçarra — Superstições, o Banho da Alma, por L. P. — Advinhas, por Castôr e Bibliographia, por D. N.

Este numero é illustrado, com a "Apanhadura de azeitona" e com a "Cantiga aos Reis" (musica).

MONUMENTO CRUZ E SOUZA.

A *Meridional*, para auxiliar a idéa dos amigos intimos do artista das *Evocações*, abre uma subscrição, com o fim de levantar um monumento sobre o tumulo de Cruz e Souza.

Encarregar-se-ha d'esse trabalho artistico, o artista Maurício Jubim, um dos intimos amigos do poeta. Pretendemos dar em o segundo numero da "A Meridional" o croquis d'esse trabalho de M. Jubim.

Subscrição para o monumento Cruz e Souza :

Saturnino Meirelles.....	100\$000
Elyσιο de Carvalho.....	50\$000
Tiburcio de Freitas.....	20\$000
Carlos D. Fernandes.....	20\$000
M. Jubim.....	20\$000
Feix Pacheco.....	20\$000

Elyσιο de Carvalho.



BIO DE JATEIRO

TYPE. ALDINA-RUA DA ASSEMBLEIA, 96

1890

